

A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE E A LIBERDADE PARA APRENDER DE CARL ROGERS

*Marcos Mendonça Lemos
Edson José Wartha
Marcos Cesar Danboni Neves*

Resumo

A ideia desse artigo é fazer e manter um diálogo entre os dois educadores, de dois países com contextos muito diferentes, um encontro das visões do livro *Liberdade para Aprender* de Carl Rogers (norte-americano) com a *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* de Paulo Freire (brasileiro), com observação das convergências entre estas obras, visa a estimular professores e professoras em ampliar suas reflexões e possibilidade de mudanças na prática na sala de aula destes profissionais, numa oportunidade de conhecerem um pouco desses autores e se sentirem estimulados a adentrar em outras suas obras. Ainda que de maneira resumida, objetiva que professores possam perceber que Rogers e Freire têm muito a contribuir com cotidiano dos professores fazendo que estes revejam e reflitam sobre suas metodologias em sala de aula, para que na sua docência estimulem alunos e alunas uma educação autônoma e libertária, oferecendo novas perspectivas na vida desses estudantes.

Palavras-chave: autonomia; liberdade; estudantes; professores.

PAULO FREIRE'S PEDAGOGY OF AUTONOMY AND CARL ROGERS' FREEDOM TO LEARN

Abstract

The idea of this article is to maintain a dialogue between two educators from two countries with very different contexts, a meeting of the visions of the book *Freedom to Learn* by Carl Rogers (North American) with the *Pedagogy of Autonomy: Necessary Knowledge for Educational Practice* of Paulo Freire (Brazilian), observing the convergences between these works, aims to stimulate teachers to broaden their reflections and the possibility of changes in the classroom practice of these professionals, in an opportunity to know a little of these authors and feel encouraged to enter into other works. Although in a summarized way, it aims that teachers can realize that Rogers and Freire have much to contribute to the daily life of teachers, making them review and reflect on their methodologies in the classroom, so that in their teaching they stimulate students to have an autonomous and liberating education, offering new perspectives in the lives of these students.

Keywords: autonomy; freedom; students; teachers.

La pedagogía de la autonomía de Paulo Freire y la libertad para aprender de Carl Rogers

Resumen

La idea de este artículo es mantener un diálogo entre dos educadores de dos países con contextos muy diferentes, un encuentro de las visiones del libro *Libertad para Aprender* de Carl Rogers (norteamericano) con la *Pedagogía de la Autonomía: Saberes Necesarios para la Práctica Educativa* de Paulo Freire (brasileño), con la observación de convergencias entre estas obras, tiene como objetivo estimular a los profesores a ampliar sus reflexiones y la posibilidad de cambios en la práctica en el aula de estos profesionales, una oportunidad para conocer un poco de estos autores y se sienten alentados a entrar en otras obras. Aunque brevemente, se pretende que los profesores puedan darse cuenta de que Rogers y Freire tienen mucho que

aportar al día a día de los docentes para que revisen y reflexionen sobre sus metodologías en el aula, para que en su enseñanza estimulen en los alumnos una educación autónoma y liberadora, ofreciendo nuevas perspectivas en la vida de estos alumnos.

Palabras clave: autonomía; libertad; estudiantes; profesores.

INTRODUÇÃO

A busca por humanizar a sala de aula e a tentativa de torná-la cada vez mais atrativa, é algo recorrente, mas ainda é um tema que traz diversos questionamentos e reflexões.

Analisando as obras de Carl Rogers – *Liberdade para Aprender* e Paulo Freire – *Pedagogia da Autonomia*, vemos nesses autores possibilidades para que consigamos enxergar uma nova sala de aula, onde o aluno poderá com autonomia e liberdade serem sujeitos do seu processo de ensino e aprendizagem, tendo o Professor como mediador, através de um ensino centrado no aluno para torná-lo autônomo.

Entendemos que, para isso acontecer é preciso uma nova concepção de sala de aula, onde o mais importante deverá ser o aprendizado dos estudantes e não os resultados, onde professores e professoras saiam do pedestal de “detentores do saber”, fazendo da sua sala de aula um local de troca de experiências e aprendizado mútuo.

Na abordagem que se segue, observadas as obras já citadas, observa que essa busca por uma sala de aula prazerosa e motivada já se faz há algum tempo, pois uma obra da década de 60 em que Rogers (1978, p.165) enfatiza o [...] “desejo do aluno de realizar os propósitos que têm sentido, para cada um, como força de motivação subjacente à aprendizagem significativa” quando confrontamos com outra da década de 80 em que Freire (2016, p.114) diz que [...] “quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda”, é possível pontuar e observar diversas correlações o que acreditamos que ainda há um longo caminho a percorrer. O professor deve questionar-se como está procedendo em sua sala de aula? Nós professores precisamos mudar? O que podemos mudar? Como fazer acontecer essa mudança?, essas reflexões e autoavaliações farão com que professores tanto na formação inicial e continuada possam observar que estudantes e docentes precisam promover mudanças conjuntamente.

Delizoicoiv, Angotti e Pernambuco (2002) situam que a educação no Brasil está imerso num mundo contemporâneo oriundo de diferentes origens sociais e cultural sendo a sala de aula um espaço de trocas reais entre os alunos da turma e o professor, diálogo que é construído entre conhecimentos vivenciados do seu cotidiano, estabelecendo a mediação entre as demandas afetivas e cognitivas de cada um dos participantes, enaltecendo ainda mais o processo de ensino e aprendizagem, proporcionado pela a troca de experiências frente às diversas realidades.

CARL ROGERS E PAULO FREIRE

Carl Ransom Rogers, psicólogo, estadunidense, filho de engenheiro civil bem sucedido e uma dona de casa, boa condição financeira, Rogers (2009, p.6) no seu livro *Tornar-se Pessoa* relata que: [...] “fui educado numa família extremamente unida onde reinava uma atmosfera religiosa e moral muito estrita e intransigente, e que tinha um verdadeiro culto pela virtude do trabalho duro, essa família tradicional e religiosa, controlava seu comportamento, ele viveu parte da adolescência na fazenda”, pois Rogers (2009) acrescenta

que seu pai, se tomara um negociante, procurava um hobby e segundo, e creio que mais importante, pretendiam afastar os seus filhos adolescentes das “tentações” da vida da cidade, entusiasmava os filhos a ganharem independência, encorajando-os a lançarem-se por si só em empreendimentos lucrativos, ou seja, Rogers já foi criado num meio de uma boa condição financeira, utilizando na fazenda os livros que o pai comprava sobre agricultura para aplicar em suas terras. Antes de ser psicólogo, licenciou-se em história, estudou psicologia na Universidade de Columbia de Nova York e especializou-se em problemas infantis, lecionou na Universidade Estadual de Ohio, Universidade de Chicago, Universidade de Wisconsin e Universidade de Rochester. Influenciado pela filosofia John Dewey tornou-se mestre (1928) e doutor (1931), nos seus trabalhos deu ênfase a psicologia educacional. Autor de vários livros, mas neste artigo vamos nos ater em analisar a sua obra *Freedom to Learn* (1969), este seu livro Liberdade para Aprender foi traduzido para o português com a supervisão técnica do professor Ruy Miranda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Rogers é um psicólogo premiado e com indicação ao Prêmio Nobel da Paz no ano da sua morte em 1987.

Paulo Reglus Neves Freire, recifense, brasileiro, filho de pai militar, morto precocemente e mãe dona de casa e bordadeira, a pensão deixada não dava para pagar as contas para manter a casa, logo após a morte do seu pai, que o deixou numa situação afetiva e financeira abalada. Estudou como bolsista num colégio de classe alta de Recife tornou-se advogado, mas sempre manteve o sonho de ser professor, quando foi convidado pelo mesmo colégio no qual estudou para lecionar. Criou um método de alfabetização pelo qual ficou conhecido nacionalmente e posteriormente mundialmente. Segundo Haddad (2019, p.51) [...] “sob o título de Educação e atualidade brasileira, o trabalho garantiria a Paulo as condições e o prestígio necessários para que as suas pesquisas e atuação pedagógica ganhassem repercussão e dimensão nacional”. O seu método foi o motivo de perseguição e mandado para o exílio, pois no Brasil se instalou uma ditadura militar fruto de um golpe de estado em 1964. Guedon (2019, p.153) diz que:

A imagem construída dos tempos do exílio não é uma narrativa de tristeza e perdas. Por certo existem, mas não são anunciadas. Reforça-se o bom lugar que encontrou no Chile, alguma experiência positiva nos EUA e a esperança de contribuir para a educação de africanos na Suíça. A experiência do exílio é como bem sabe, vivida de forma única a depender do contexto, das relações empreendidas e o lugar que ocupa na sociedade.

Em seu tempo no exílio, passou em diversos países, com notoriedade para o Chile, Estados Unidos e Suíça, ele ficou tão conhecido, que foi convidado a ministrar palestras, cursos e estudos com seu método de alfabetização passando por vários países, em especial no continente Africano. Das suas andanças e viagens, rendeu-lhe diversas publicações que foram traduzidas para diversas línguas e seu nome se tornou um dos mais importantes na área da educação mundial. De volta ao Brasil, com a democratização, voltou a lecionar nas Universidades Brasileiras, com passagens pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP) e Universidade de Recife chegando a ser secretário da educação da cidade de São Paulo em 1989. Autor de diversas obras na área educacional, vamos aqui direcionar o nosso estudo no livro *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Segundo Haddad (2019), Paulo foi agraciado em vida com 34 títulos de doutor honoris causa por diversas Universidades do Brasil e exterior, Freire foi citado 72359 vezes em trabalho da área de humanas vindo atrás somente do filósofo Thomas Kuhn e o sociólogo Everett Rogers. Sendo também indicado ao prêmio Nobel da Paz de 1993.

LIBERDADE PARA APRENDER DE CARL ROGERS

Carl Rogers entendia o processo de aprendizagem do aluno em um momento de crescimento pessoal deste, não preso a um “bom” currículo, o autor considerava o aluno como a pessoa mais importante no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Moreira (1999, p.140), [...] “Rogers prefere o termo “cliente” ao invés de paciente, porque o primeiro enfatiza uma participação ativa, voluntária e responsável nas relações terapêuticas”, Rogers, por ser psicólogo, não via seu cliente como doente, daí surgindo uma terapia centrada no cliente, que tinha uma abordagem humanística.

Em seu livro *Liberdade para Aprender* de 1969, com a quarta edição traduzida no Brasil em 1978, está dividido em cinco partes e quinze capítulos, na sua maioria tratam do processo de ensino, alguns da psicologia e sua problemática, bem como no seu eu como profissional. Logo, daremos ênfase nas nossas pontuações nas questões relacionadas com o ensino e educação e nas proposições na liberdade de aprender do aluno.

O autor traz a tona algo que se discute nos tempos atuais na educação, pois muitas vezes o aluno não consegue fazer relação do que é ensinado com o seu dia a dia, daí não observa nenhuma significação pessoal para ele. Rogers (1978, p.21) diz que:

Quando reunimos em um esquema elementos tais como currículo pré-estabelecido, “deveres” idênticos para todos os alunos, preleções como quase único modo de instrução, testes padronizados pelos quais os alunos são avaliados externamente todos os estudantes e notas dadas pelo professor, como medida de aprendizagem, então quase podemos garantir que a aprendizagem dotada de significação será reduzida ao mínimo.

Observamos que nessa citação algo que já era discutida na década de 60, ainda se faz cada vez mais presente na educação dos nossos estudantes nos dias atuais, no Brasil há pouco tempo vemos a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que para Cássio e Catelli Jr. (2019, p.5) [...] “é uma imposição de um currículo comum num país tão diverso como o Brasil”, o que nos deixa um questionamento e reflexão, estamos evoluindo em termos educacionais ou estamos retrocedendo? Mais de 50 anos após ainda vemos os mesmos problemas em sala de aula, tais como passar no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que em outros tempos era passar no vestibular, testes para avaliações de desempenho escolar, deixando a aprendizagem como questão secundária, em que no nosso olhar, a educação não avança, uma vez que é desprezada a motivação e os questionamentos dos estudantes é deixada a margem, não importando os anseios dos estudantes a promover ao menos discussões e respostas para seus questionamentos.

No livro, *Liberdade para Aprender*, deixa clara a intenção de se ter um ensino centrado no aluno, aguçando e dando espaço para a sua curiosidade em que Rogers (1978, p.67) enfatiza que: [...] “a curiosidade do estudante, o seu desejo em aprender, a sua habilidade para escolher e seguir a sua própria linha de conduta de aprendizagem é à base de um curso”. O professor será o mediador e o agente de condução dessa aprendizagem, notando as necessidades e respeitando os anseios de cada um dos estudantes.

Rogers fala que é necessário adaptar-se ao currículo para ir de encontro com as necessidades da pessoa, pois, Rogers (1978, p.103) [...] “quando os alunos percebem que têm liberdade para alcançar seus objetivos, a maior parte deles, se empenha mais pessoalmente, trabalha mais, retém e utiliza melhor o que aprendeu”. É importante e necessário que se dê credibilidade aos alunos e alunas e nas suas falas, pontuações, reflexões e conclusões, gerando uma confiabilidade, que partirá do mediador desse processo.

A partir do olhar do professor, mediador no sistema de ensino aprendizagem poderá mudar o processo de conhecimento do aluno, Rogers (1978, p.127) diz que [...] “se apenas um professor em cem ousar arriscar, ousa ver, ousar confiar, ousar compreender, assistiremos a uma infusão de espírito vivo, em educação, a qual será a meu ver inestimável”. É preciso dar liberdade para que as alunas e alunos consigam surpreender e progredir, isso só será possível quando as pessoas envolvidas na aprendizagem dos estudantes viabilizem para que os discentes sejam protagonistas do seu aprendizado.

Para isso acontecer é necessário que alunos tenham uma aprendizagem significativa, pois concordamos com Rogers (1978, p.134) que indica [...] “que é necessário que o aluno seja qual nível for, se coloque perante problemas que tenham significado e relevância para ele, ainda o mesmo autor complementa que seria, pois, sensato, que todo professor tentasse obter de seus alunos informações sobre problemas ou temas que fossem reais para eles e relevantes para o curso a ser dado”, pois Delizoicoiv (2001) diz que problematizar o conhecimento já construído pelo aluno aguça as contradições e localizam limitações desse conhecimento e tem a finalidade de confrontar com o conhecimento que ele já possui e, ao mesmo tempo, propiciar a alternativa de aprender o conhecimento científico, o mesmo autor diz que a explicação dos alunos, o seu conhecimento prévio sobre o tema escolhido em discussão, gera a formulação de um problema o irá gerar um novo conhecimento aos alunos e alunas muitas vezes significando e ressignificando os conhecimentos para estes estudantes.

Daí os alunos que, segundo Rogers (1978, p.138) [...] “pode discordar do professor, sem sentir que põe em risco sua aprovação. Podem exprimir o que realmente sentem e pensam, possibilitando que os estudantes deixem fluir sua liberdade, o que propiciará o entendimento e conhecimento proposto”, pois parte dos alunos ainda segundo Rogers quando lhes é dada uma oportunidade de expressar-se, tem na sala de aula outra relação com o aprendizado e ao invés de tornar algo imposto, será algo prazeroso.

Logo, para Rogers, o ato de ensinar é mais que transmitir conhecimentos, é despertar, é instigar o aluno a ir além do conhecido e educar para a vida e para novos relacionamentos, em que o professor deve agir com autenticidade, apreço confiança e se colocar no lugar de alunos e alunas para que eles possam ser livres para aprender.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE

Para Zatti (2007, p.12) [...] “etimologicamente autonomia significa o poder de dar a si a própria lei, autós (por si mesmo) e nomos (lei)”. Não se entende este poder como algo absoluto e ilimitado, também não se entende como sinônimo de autossuficiência. Gadotti (2010, p.13) diz que [...] “a escola está perdendo a sua autonomia também perdendo a sua capacidade de educar para a liberdade”. Então, se a escola que é o espaço para se promover a possibilidade da autonomia, será que ela está perdendo o poder de educar para a formação de cidadãos livres? Ainda em Gadotti (2010, p.13-14) afirma que [...] “educar significa, então, capacitar, potencializar, para que o educando seja capaz de buscar a resposta do que pergunta,

significa formar a autonomia”. A educação que busca a formação de cidadão livre e autônomo os possibilita a ser livres.

No livro *Pedagogia da Autonomia*, saberes necessários à prática educativa, Freire (2016, p.16) diz que [...] “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho das destrezas, não é simples e não tão pouco árduo, mas requer um trabalho muito maior de educandos e educadores”, pois o próprio Freire (2016, p.24) enfatiza que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. O ensinar necessita de um processo de ajuda mútua entre os interlocutores do processo de ensino e aprendizagem.

Freire (2016, p.39) acredita que [...] “a tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando que se comunica a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado”, reafirmando o papel da troca de ideias, concordando, discordando, confrontando reflexões, pois só através dessas poderá construir um conhecimento de fato. O educador/ mediador é um agente fundamental desse processo do aprendizado. O mesmo autor ainda enfatiza que “aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”.

A autonomia pregada por Freire, não é apenas uma autonomia apenas para com alunos e alunas, requer autonomia também ao professor, para que possibilite as suas próprias mudanças na sua sala de aula e no seu cotidiano como Freire (2016, p.110) pontua que:

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto pela vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consistente com que vive sua presença no mundo, de sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa ser autenticamente vivido.

Esse momento, ainda que seja curto, com todas as dificuldades das situações enfrentadas nas escolas, poderá ajudar a mudar a realidade de estudantes e estabelecer outra perspectiva de mundo, possibilitando uma abertura de oportunidades aos presentes na sua sala de aula, requerendo sempre deste professor e professora entender e respeitar o tempo dos estudantes, pois Freire (2016, p.111) acredita que [...] “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”.

Ainda em Freire (2016, p.116) [...] “ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar”. É preciso dar vez e voz aos estudantes, para que eles participem do processo de ensino e aprendizagem, para que os professores não se tornem agentes ativos e os alunos sejam os meros receptores o que Freire criticava bastante dessa educação bancária. É preciso despertar a curiosidade e deixar que os estudantes “viagem” nas suas ideias, pensamentos, para que seja autônomo na sua aprendizagem e de fato, tenha uma apropriação dos conhecimentos, nas diversas áreas, ainda que este conhecimento sempre esteja inacabado, pois estamos sempre, como seres humanos, nos reinventando e aprendendo a cada dia.

Correlação entre o livro *Liberdade para Aprender* de Rogers e a *Pedagogia da Autonomia* de Freire.

Quadro 1: Comparativo entre pontos elencados das duas obras.

Carl Rogers	Paulo Freire
Liberdade aos alunos (p.28)	Respeito à liberdade do educando. (p.93)
	O educando que exercita sua liberdade ficará mais livre para assumir a reponsabilidade de suas ações. (p.91)
Sistema educacional impositivo (p.43)	Não redução da prática de ensino ao puro ensino de determinados conteúdos. (p. 101)
Aluno de maneira passiva (p.66)	Educação Bancária. (p.28)
Curiosidade e desejo em aprender desenvolve uma habilidade em escolher sua linha de aprendizado (p.67)	Respeito à curiosidade do educando. (p.58-59)
	Não há criatividade sem curiosidade. (p.33)
	Alunos e Professores se assumam epistemologicamente curiosos (p.83)
Não existência de modo único em facilitar a aprendizagem (p.69)	Formar e muito mais que treinar (p.16)
Aprendizagem é facilitada com a participação do aluno. (p.163)	O pensar é dialógico. (p.39)
Focar a aprendizagem a quem aprende (p.66)	
Confiança nos alunos (p.70)	Respeitar a autonomia do educando. (p.60)
Confiança no facilitador (p.85)	

	Liberdade em ensinar do professor. (p.111)
Ver pelos olhos dos alunos (p.117)	Professor autoritário afoga a liberdade do educando. (p.59)
Desenvolver a potencialidade individual proporcionando oportunidade (p.119)	Uma pedagogia da autonomia tem de está centrado em experiências estimuladoras de decisão e responsabilidades. (p.105)
Aprendizagem Significativa (p.160)	Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico dos educandos. (p.134)
	Verdadeiras aprendizagens vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado. (p.28)
Avaliação tem importância secundária (p.164)	Imposição do sistema de Avaliações. (p.113)
Os alunos podem discordar do professor, sem sentir que põe em risco sua aprovação. Podem exprimir o que realmente pensam e sentem. (p.137)	

Fonte: os Autores

Paulo Freire e Carl Rogers tiveram notoriedade e respeito tanto em seu país quanto no mundo, quando suas obras foram traduzidas e estudadas em Universidades e Instituições do planeta, foram sinais de análise em vários campos do conhecimento que ultrapassava as fronteiras da educação. Observamos várias correlações dentre as suas obras listadas no quadro acima entre a Pedagogia da Autonomia e Liberdade para Aprender, Carl Rogers dá ênfase na sua obra num ensino centrado no aluno, levando uma abordagem não estruturada ou não diretiva, em que está cansado da apatia dos alunos em sala de aula, possibilitando que os alunos fizesse o que bem entendesse, respeitando a vontade do aluno, sem impor regras e conteúdos.

Freire (2016, p.61) salienta que [...] “de nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre”, pois para Rogers (1978, p.111) [...] “libertar a curiosidade; permitir que as pessoas assumam o encargo de seguir em novas direções ditadas

por seus próprios interesses; desencadear o senso de pesquisa; abrir tudo à indagação e à análise; reconhecer que tudo se acha em processo de mudança”. É importante que os estudantes sintam-se estimulados em aprender, através da sua curiosidade e interesse por determinada disciplina o que oferecerá várias possibilidades aos alunos e alunas se permitam e sintam-se estimulados a aprender, valorizando os saberes dos alunos, se desprendendo de regras, muitas vezes impostas pelo sistema educacional que levam a apatia dos estudantes em sala de aula. Feyerabend (2011, p.335) acredita que [...] “a tarefa do educador consistiria em facilitar a escolha, e não em substituí-la por alguma ‘verdade’ própria”.

Para isso é preciso que os envolvidos em sala de aula professor/mediador e estudantes sejam cúmplices e estabeleçam uma relação de confiança no processo de aprendizado, pois,

Se desconfio do ser humano. Antes devo empanziná-lo de informações da minha própria escolha, a fim de que não tome um caminho errado. Mas se acredito na capacidade de cada um desenvolver sua potencialidade individual, proporcionar-lhe-ei todas as oportunidades e lhe permitirei a escolha de vias próprias e sua direção pessoal na aprendizagem. (ROGERS, 1978, p.119)

Esta relação proporcionará uma autonomia aos alunos e alunas, o que concordamos com Freire (2016, p.91) quando diz que a [...] “autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua dependência. O individuo vai ser tornando responsável e dono das suas ações”, favorecendo a independência e protagonismo dos estudantes.

Para que isso aconteça, Rogers (1978) acredita que a criação receptiva nas salas de aula para os estudantes, em que eles se sintam acolhidos dentro das mesmas, possibilita realizarem descobertas autônomas, para se empenharem autodirigidas de possibilitar de tornarem cientistas por si mesmo, descobrindo por conta própria, as surpresas e alegrias da investigação no mundo científico, pois para Freire (2016, p.105) diz que [...] “uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.

Infelizmente, nos estudos de Rogers (1978, p.140) ele observa que desde a década de 60, já se pontuava que a prática educacional corrente, tende, sem dúvidas, a [...] “tornar crianças menos autônomas e menos empíricas, na busca do conhecimento” o que corrobora com Freire (2016, p.111)[...] “acredita que a liberdade de mover-nos, de arriscar-nos, vem sendo submetida a uma padronização de fórmulas, de maneira de ser, em relação às quais somos avaliados”, vivemos em pleno 2023 atrelados a práticas que levam muito mais alunos a transcreverem a aprenderem a pensar, refletir, questionar. O sistema educacional ainda se vê escolas e estudantes refêm dos testes padronizados para apresentar dados para que governos e governantes se vangloriem dos seus feitos pela educação, apresentando ao comércio possibilidades de investimento em que o lucro está acima do conhecimento, logo, concordamos com Freire (2016, p.126) que [...] “a liberdade do comércio não pode vir acima da liberdade do ser humano”.

Concordamos o que De Freitas e Boechat (2019, p.283) pontuam que:

As evidências apresentadas por Rogers e Freire em suas práticas oferecem subsídios para concluir que o papel do profissional é de mero facilitador, que empoderam os facilitados para, gradualmente, tomar consciência de seu mundo e de seus problemas e – fundamentados na confiança construída e na concepção de ser humano dos autores – avaliar e decidir qual a melhor maneira de se posicionar na escola e na vida.

Mas para que isso aconteça, tenhamos um ensino centrado no aluno e possibilitando a essa autonomia, precisamos que professores estejam engajados e propícios a mudanças, pois Tardif (2014) diz que é necessário que professores se tornem profissionais da pedagogia para lidar com profissionais dos mais variados níveis de ensino, pois desafios num futuro para a formação de professores será em abrir um maior espaço para os conhecimentos práticos dentro do próprio currículo.

Necessitando assim de uma formação inicial e continuada dos docentes, pois Lemos (2017, p.30) diz que [...] “uma melhor formação continuada de professores será de fundamental importância para promover um melhor entendimento dos estudantes, pois através dos processos investigativos os estudantes levam questões concretas sobre problemas reais que os cerca”, possibilitando a essas discentes um novo olhar sobre o que está aprendendo e como está sendo importante o seu aprendizado e estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos passam, mas ainda estamos diante de uma educação desconectada do nosso tempo e anseios dos jovens, percebemos que Rogers e Freire mesmo falando em décadas diferentes, se encontram num mesmo espaço de reflexões que ainda hoje nós professores, ensinamos ainda de ver em nossa sala de aula.

Rogers que acreditava que numa pedagogia centrada no aluno corroboraria com a de Freire a tão sonhada autonomia de alunos e professores, que isso culminaria numa liberdade em aprender, o que aprender e para que e quem aprender, observando o seu espaço o que o cerca, fazendo o estudo e o aprendizado a leitura do local onde os estudantes estão.

Gadotti (2010, p.17) cita que Rogers [...] “acreditava que o ensino deveria basear-se na empatia, autenticidade, confiança nas potencialidades do ser humano, na pertinência do assunto a ser aprendido, na aprendizagem participativa, na totalidade da pessoa, na autoavaliação e autocrítica”. Freire pelos escritos de Haddad (2019, p. 202) diz que [...] “Não vamos impor ideias, teorias ou métodos, mas vamos lutar pacientemente impacientes, por uma educação como prática para a liberdade. Nós acreditamos na liberdade”.

Não sabemos se Freire e Rogers tiveram contato físico, mas com certeza suas obras estão interligadas em vários momentos como demonstramos no quadro 1. Suas obras traduzidas em diversas línguas notam-se a preocupação no aprendizado, possibilitando aos estudantes a autonomia de ser livre. Imaginamos como seria um momento de diálogo e discussões presencialmente entre os autores, mas estamos convencidos que seria de grande aprendizado para os autores e público presente, pois numa trocas de aprendizados todos saem ganhando. Como isso será impossível, teremos que nos contentar com saborear e interpretar seus escritos, e com certeza os leitores terão o prazer de fazer as suas reflexões a partir de suas obras em especial as envolvidas nesse artigo que será de grande valia para os estudantes e educação como um todo.

REFERÊNCIAS

CÁSSIO, Fernando; CATELLI JÚNIOR, Roberto (Orgs). *Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação Educativa, 2019.

DE FREITAS, Patrícia Rios; BOECHAT, Ieda Tinoco. *A Psicologia de Carl Rogers e a Pedagogia de Paulo Freire: Reflexões Sobre Docência*. *Linkscienceplace- Interdisciplinary Scientific Journal*, v. 5, n. 6, 2019.

DELIZOICOV, Demétrio. *Problemas e Problematizações. Ensino de Física: conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora*. Florianópolis: UFSC, 2001.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002.

FEYERABEND, Paul K. *Contra o método*. Tradução Cezar Augusto Mortari. 2ªed. São Paulo: UNESP, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GUEDON, Philippe Chaves. *O exílio tratado enquanto fenômeno múltiplo: a experiência na vida e obra de Paulo Freire*. *Ars Historica*, n. 18, p. 143-158, 2019.

HADDAD, Sérgio. *O educador: um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.

LEMOS, Marcos Mendonça. *Limites e possibilidades das abordagens investigativas no ensino de ciências*. 2017. 84 f. Dissertação (Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017. Disponível em: <https://www.monografias.ufs.br/handle/riufs/5118>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MOREIRA, Marco Antonio. *Teorias de aprendizagem*. São Paulo: Editora pedagógica e universitária, 1999.

ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender: uma visão de como a educação deve vir a ser*. 4. Ed. Belo Horizonte: Interlivros. 1978 (Original publicado em 1969)

ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. [trad.]. *Entre Letras. Lisboa: Padrões Culturais Editora*, 2009. Disponível em: <https://gmeaps.files.wordpress.com/2019/02/tornar-se-pessoa-carl-r.-rogers.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 17. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZATTI, Vicente. *Autonomia e Educação em Immanuel Kant & Paulo Freire*. EDIPUCRS, 2007.

Sobre os autores:

Nome : Marcos Mendonça Lemos

Instituição : Instituto Federal Baiano de Ciência e Tecnologia, doutorando em Ensino de Ciência e Tecnologia da UTF-Pr

e-mail - marcos.lemos@ifbaiano.edu.br

orcid - <https://orcid.org/0000-0002-8554-0457>

Nome : Edson José Wartha

Instituição : Universidade Federal de Sergipe

e-mail - ejwartha@gmail.com

orcid - <https://orcid.org/0000-0003-4919-3504>

Nome : Marcos Cesar Danhoni Neves

Instituição : Universidade Estadual de Maringá

e-mail - macedane@yahoo.com

orcid - <https://orcid.org/0000-0002-3724-537>